

Revista Amazônia Jovem



ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-983233-1-8

Vocações

EM BUSCA DA AUTORREALIZAÇÃO

vol. 2, n. 2, maio de 2024



Aludel Editora

© 2024, copyright desta edição reservado à **Aludel Editora**.

3ª edição

CARONE, Thiago [Editor e Organizador]
Revista Amazônia Jovem. vol. 2, n. 2,
Vocações: em busca da autorrealização.
Belém, Pa: Aludel Editorial, Maio de 2024.

CNPJ: 54.649.941/0001 - 80

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-983233-1-8

A **Aludel Editorial** não se responsabiliza pela opinião,
eventuais situações de plágios e utilização indevida
de I. A. (Inteligência Artificial) por parte dos autores.

Sítio eletrônico da publicação : <https://revistaamazoniajov.wixsite.com/my-site-1>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da **Aludel Editorial**, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).



Aludel Editora

vol. 2, n. 2, maio de 2024

Thiago Carone

(Organizador)

Revista
Amazônia Jovem

CONSELHO EDITORIAL

Editor-chefe

Thiago Carone

Ilustração da Capa

Lívia Soares

Supervisão Geral de Projetos / ASCOM

Glenda Duarte

Revisão Gramatical

Dalva Iloana

Revisão Gramatical e de Estilo

Alan Flor

Fotografia

Equipe Aludel Editorial

ALUDEL EDITORA

 Belém - Pará - Amazônia, CEP: 66615040, Nº 127

 aludeleditorial@gmail.com

 <https://revistaamazoniajov.wixsite.com/my-site-1>

[@aludel_editora](#)

www.aludel.com.br



Aludel Editora

Sumário

08

**Apresentação:
Em busca da autorrealização**

Thiago Carone

10

Agora preciso ser

Lis Rosário

12

Notas sobre a vocação

Gabriel Duarte

15

**Inspiração: de onde vem o
desejo?**

Felipe Costa

18

Sonhos e expectativas

Pedro Blanco

21

Aprender e ensinar

Alice Dâmaso

23

Psicologia: uma admiração

Alícia Silva

25

O caminho da arte

Anne Sena

27

Meu futuro

Amaurí Júnior

29

O desenho como paixão

Ana Júlia

31

A minha autorrealização

Ana Beatriz

32

**A vocação de modelo: em busca da
autorrealização e do impacto na
sociedade**

Carla Pinheiro

34

Vocação nas alturas

Christian Souza

36

Software vocacional

Daniel Gomes

38

Direito: uma inspiração

Daniella da Silva

40

Paixão por tatoos

Deyvid Góis

41

Vocação

Ísis Assunção

43

Arte: valor e motivação

Jully Martins

45

Vocação: uma descoberta

Kauan dos Santos

47

Siga os seus sonhos

Lívia Soares

49

Um ótimo psicólogo

Lucas Lima

51

Vocação em duas carreiras

Monic Vitória

53

Ator em cena

Noah Costa

54

Masterchef

Rebeca Silva

55

O rumo da vocação

Renan Pablo

57

Minha vocação

Sarah Sthefanye

59

O meu maior sonho

Samuel Lobato

60

Algumas vocações

Thyfany Conceição

62

O encanto da arte

Victor Santos

64

Pets e vocação

Yasmin Vitória

65

**Os pés no chão,
a cabeça nos sonhos**

Glenda Duarte

66

Edições anteriores

Revista Amazônia Jovem

Apresentação Em busca da autorrealização



Todo o ser humano dado à reflexão, em algum momento, necessita se encontrar e justificar sua existência com significado. Essa atitude, própria da vivência ética, faz parte da busca por uma vida autêntica, alicerçada em uma apreensão de sentido que impulse o sujeito à ação deliberada e à compreensão do valor de cada gesto. A vocação de cada pessoa pode dotar a sua própria vida com algo criativo que lhe permita sua continuidade e equilíbrio. O conceito de vocação nos coloca diante de um desafio de interpretação da nossa alma e dos nossos anseios mais íntimos, pois uma espécie de “voz interior” insta cada pessoa a se deparar com suas tendências pessoais e com aquilo que realmente deseja ser. Em seu vocábulo, encontramos este segredo de enorme valor para a subjetividade.

O termo indica um tipo de chamado que, distinto das instâncias sociais extrínsecas, privilegia a percepção individual, um motivo para o “*self*” ou, como encontramos no simbolismo mítico, a busca pelo centro de cada ser. Ninguém foge de si mesmo, a verdade é essa, simples e direta. O “ser” é um imperativo da alma que deseja realizar a sua missão aqui neste mundo e, mais que isso, vivencia na prática a responsabilidade de cada decisão que faz nesse sentido. Tocar outras vidas, inspirar caminhos e compartilhar da sapiência acumulada, tudo isso caracteriza os aspectos mais relevantes da jornada que cada pessoa empreende em busca da autorrealização. Compartilhar é um instrumento poderoso nesse processo, pois demonstra um potencial transformador bem mais amplo que o indivíduo.

Quem já teve a oportunidade de colocar a sua profissão a serviço do bem-estar da humanidade já pôde experimentar essa sensação de felicidade espontânea e duradoura. A busca da profissão deve ser um dos fatores de encontro da felicidade pessoal, o que não significa, de modo algum, uma postura egoísta diante da vida, mas, sobretudo, um ato de escuta da alma. O aspecto filosófico desse empreendimento mantém relação com a máxima socrática do “conhece-te a ti mesmo”, pois, para tal decisão, é inequívoca a presença da alma, a autoeducação e a descoberta pessoal.

Desse modo, aquele que escolhe seguir a sua própria vocação poderá ser um autorrealizado, pois buscou a si mesmo e, conseqüentemente, será excelente no que faz, porque poderá compartilhar com os outros do melhor que tem. Sua profissão, orientada por elevados valores éticos, será um luzeiro para aqueles a quem possa inspirar, pois, como diz a máxima popular: “a palavra convence, mas é o exemplo que arrasta!”. Nesse sentido, a vocação resulta em uma busca por autorrealização que, em suma, é a realização dos valores cósmicos no ser humano que o integra a um sentido mais elevado. Imbuídos desse ideal, afastemo-nos dos ídolos da ignorância que olvida a voz interior.

Esta 3ª edição da Revista Amazônia Jovem, portanto, traz com bastante pertinência um assunto assaz interessante aos jovens que ainda estão descobrindo os seus caminhos. Para orientá-los nesse sentido, também cabe a nós, que já somos um tanto quanto adiantados no sendeiro da vida, a tarefa da autorrealização. Somente um buscador poderá indicar possibilidades a outros buscadores. A educação que visa somente as tendências mercadológicas ignora a sua própria função em contribuir na formação do indivíduo, no desenvolvimento de suas habilidades e de sua verdadeira vocação.

Inspirados nessa atitude educativa, que nada mais é do que um ato de eduzir a voz interior da vocação, a Aludel Editora promove esta edição da revista. Ela reúne diversos textos que expressam como os jovens se sentem em relação às descobertas pessoais, aos sonhos, aos anseios, às dúvidas quanto ao futuro, ao enfrentamento das imposições da sociedade, à inclinação ao fazer artístico como via possível da autorrealização, entre outros aspectos. Para nós, é um momento de felicidade e também de autorrealização, contribuir, de algum modo, com a busca desses jovens, ao mesmo tempo em que colocamos à disposição do público as ferramentas que desenvolvemos em nosso objetivo de inspirar caminhos.

Boa leitura!

Thiago Carone

Editor

LIS ROSÁRIO

Agora preciso ser



Olá! Eu me chamo Heloísa, tenho 15 anos e, no momento em que estou produzindo este texto, quero contar questões internas sobre profissões e algumas questões de uma adolescente.

Eu faço música desde 2016, ou seja, desde os 8 anos. Sou flautista doce e arranho alguns outros instrumentos, como piano, violão, voz e ukulele. Tenho tido saudades da ideia de poder trabalhar com música. Fazer parte do meio e amar a música SEMPRE faz a gente cogitar inúmeras vezes seguir carreira e talvez, em um mundo de fantasia, as coisas pudessem ser doces e boas a ponto de realmente haver chances de ser bem sucedido na área da música no Brasil. Durante uma parte da vida, a gente realmente chega a acreditar na vida com a profissão dos sonhos, mas é uma fantasia que não dura muito tempo.



Assim que chegamos na adolescência ou na idade de jovens adultos, deparamo-nos com situações e coisas que abrem nossos olhos sobre nossos sonhos, fazendo-nos acordar e perceber que parece tudo mais “distante” do que se imaginava.

No meu caso, foi na adolescência, aos 14 anos, quando minha mãe disse que eu precisava escolher algo que fosse também “me sustentar”. De primeira, foi um certo baque pra mim, um tipo de choque que eu não esperava, porque eu realmente queria muito e não me imaginava fazendo outra coisa, até ela me dizer que eu precisava me imaginar em outra coisa. Eu fui para meu quarto e pensei em inúmeras possibilidades, de muitas profissões, cursos e trabalhos excelentes. Eu consegui me imaginar em pouquíssimos... coisa que me frustrou muito. Eu não estava pronta para pegar meus sonhos e esquecê-los, e confesso que esse pensamento tomou a minha mente por vários meses, praticamente o ano inteiro, um processo longo para me fazer entender que, na verdade, eu precisava de estabilidade.

Eu posso amar a música, o jornalismo, a fotografia, a poesia, a arte no geral e posso também seguir um caminho artístico, mas preciso chegar em algum lugar primeiro, preciso alcançar uma altura, para que eu possa, assim, me dedicar àquela arte que eu tanto amo e que tanto quero. “Preciso de estabilidade.”

Guarde isso para você! Talvez você esteja precisando pensar sobre isso, que você precisa de estabilidade, e então poderá se dedicar onde quer verdadeiramente chegar. Nosso lado imaturo e tão jovem nunca está preparado pra digerir isso, é algo grande e à primeira vista parece tão complexo... mas com o tempo você acaba percebendo que tudo isso nada mais é do que a vida real.

Eu queria ser musicista!

Agora preciso ser... algo que me ajude a um dia ser musicista.

SOBRE A AUTORA

Lis Rosário nasceu a 11 de novembro de 2008. Durante sua infância, foi cercada de arte, tornando-se, durante adolescência, uma artista, uma musicista e uma poetisa. É aluna da rede pública do Estado desde o ensino fundamental e atualmente encontra-se estudando na E.E.E. M Albanísia de Oliveira Lima onde se prepara para o Enem com o objetivo de passar para o curso de jornalismo na UFPA.



GABRIEL DUARTE

Notas sobre vocação

Eu não gostava de poesia até começar a escrevê-la. Para ser sincero, não gostar talvez seja um exagero. Eu apenas não me importava. Que menino belenense, no fim da infância (fase da vida em que muito se pensa e pouco se faz), sonha em escrever sonetos? Ou se preocupa com métrica? Esse alguém não era eu.

Falar de vocação, na maioria das vezes, é falar de incentivo e cenários favoráveis. Nasci e cresci num ambiente que, apesar de conservador, sempre esteve imerso em manifestações artísticas e não me recordo de um único momento em que assim não fosse. A literatura, no entanto, apesar de continuamente presente, demorou para adotar um papel de protagonismo nesse cenário. A leitura sempre fora um hábito para mim, mas somente comecei a escrever de forma mais aplicada no último ano do ensino fundamental.



Não tenho interesse, por meio deste texto, de romantizar o processo de escrita ou atribuir ao mesmo qualquer regra inata. A imagem do poeta ébrio e infeliz, acalentado pela madrugada e debruçado sobre um balcão de bar – algum Hemingway da vida – permeia o imaginário de muitos, como um sinônimo para a palavra “escritor”, embora não seja uma regra imutável. Todavia, existe um fundo de verdade nessa figura: em alguns casos, a arte nasce na solidão e, para mim, aquele não foi um bom ano. Quando você passa tempo demais perdido, mergulhado nos próprios pensamentos, vai chegar uma hora em que precisará externalizar cada palavra. Alguns, como eu, são dramáticos demais e tentam, mesmo que não consigam, enfeitá-las com certo pedantismo poético.

A literatura era a melhor fuga do meu pequeno mundo barulhento. Com o passar do tempo, as páginas e páginas lidas preencheram meu imaginário, embora a poesia ainda não fizesse parte desse quadro de frases e grafemas. Na época em questão, por volta do segundo ano do ensino médio, eu me aventurava escrevendo contos de horror (numa tentativa medíocre de emular a atmosfera ímpar transmitida por autores como Stephen King ou Ray Bradbury) e alguns devaneios avulsos que nunca cheguei a publicar. Era uma época de descobertas.

Tudo parecia novo e empolgante. Entre os achados, descobri o nome de um alemão excêntrico e grosseiro: Charles Bukowski. Há quem o ame e quem o odeie; eu mesmo já transitei entre ambos os polos, mas o meu primeiro contato com o “velho safado” foi positivo. Li *Misto quente* no decorrer de um mês de novembro chuvoso e vi muitas das minhas frustrações adolescentes representadas nas tragédias e digressões de Henry Chinaski: “Que tempos penosos foram aqueles anos – ter o desejo e a necessidade de viver, mas não a habilidade”.

Após terminar de ler a última página do romance, me encontrei obcecado por aquele autor (algo que ocorre com certa frequência), investigando tudo o que estava ao meu alcance sobre o sujeito. Foi assim que descobri que o Bukowski também era poeta – e dos bons.

Li “O pássaro azul”, passei pelos versos de “Como está seu coração?” e mergulhei na solidão de “Quatro e meia da manhã”, transportado para lugares que nunca antes havia visitado. De repente, descobri não só que eu – cova rasa transbordando palavras não ditas – poderia escrever daquela forma, mas também que precisava.

Não conseguia mais viver sem o prazer da prosa, sem a beleza das estrofes, sem o calor das páginas ásperas sob as pontas dos dedos e as belas palavras que tinham a dizer.

Minha vocação veio até mim como um presente: chegou cedo, tímida, e levou tempo para encontrar seu espaço. Aos poucos, ela cresceu, ganhou confiança – além de aprovação, incentivo – e aos poucos se fez notar; hipnotizante em cada um de seus gracejos, cantos e gritos manifestos em tinta. Como Rainer Maria Rilke uma vez provocou: “pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: preciso escrever? Desenterre de si mesmo uma resposta profunda. E, se ela for afirmativa, se o senhor for capaz de enfrentar essa pergunta grave com um forte e simples ‘Preciso’, então construa sua vida de acordo com tal necessidade”.

Não existem fórmulas para descobrir sua vocação – existem histórias. Hoje eu trilho a minha própria, me questionando, volta e meia, se estou tomando as decisões adequadas.

No entanto, diante da doçura dos belos textos, vejo que nunca houve escolha para mim.

Na hora mais silenciosa da madrugada, enfrento a grave pergunta de Rilke e a respondo com um forte e simples...

“Preciso”.

SOBRE O AUTOR

Natural de Belém do Pará, Gabriel M. Duarte cresceu num lar cercado por narrativas: desde os contos e fábulas narradas por sua avó e seu pai, até os romances fantásticos de nomes como Neil Gaiman e Itamar Vieira Júnior, páginas onde se perdeu ao longo de muitas madrugadas. Começou a escrever aos quinze anos de idade, iniciando seu trabalho como contista e, posteriormente, se apaixonando pela escrita de poemas e pequenas crônicas. Atualmente, graduando do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará, almeja produzir trabalhos mais sólidos e ambiciosos com o intuito de fundamentar-se entre os grandes nomes da literatura paraense.

FELIPE COSTA

*Inspiração:
de onde vem o desejo?*

Por volta dos meus 13 anos, tive acesso a um jogo conhecido como Undertale, um jogo simples que carrega um tema de reflexão relativamente simples: “pessoas que fazem o mal podem realmente mudar?”. Por uma semana inteira, fiquei preso a essa pergunta que, por mais simples que fosse, me fez questionar o que eu considerava ser o bem e o mal.

Um tempo depois, tive meu primeiro notebook e, a partir desse momento, conheci o SOMA, um jogo de terror que põe à prova a moral do seu jogador: “se você pudesse salvar uma parte sua, por menor que fosse, você o faria?”. Quando finalmente o terminei, não parei de pensar sobre o assunto e comecei a procurar mais temas reflexivos como esses nas mídias que eu consumia, como quadrinhos, filmes, livros, jogos e músicas.



Esses temas reflexivos me forçavam a desestruturar o que eu considerava ser uma verdade absoluta e eu via isso como algo interessante, mas foi somente mais pra frente, por volta dos meus 16 anos, durante uma aula de português sobre poemas, que essa busca se concretizou num desejo de criar. Nesse dia de aula, cada aluno deveria escrever um poema. Lembro perfeitamente como me sentia e o que pensava, já que naquele mesmo dia havida discutido com meus pais sobre o que eu queria fazer no futuro. Falamos coisas terríveis uns aos outros. Fui à aula logo depois e, naquele momento, apenas escrevi o que estava na minha mente: “Existe uma desculpa plausível para alguém ser cruel?”.

E então eu escrevi:

O pequeno marinheiro
Sozinho em alto mar
Numa noite sem lua
A proa estava a consertar

Ouvia o sussurro
Do impiedoso vento
Que o dizia fervorosamente
por onde devia navegar

Ouvia as mentiras
Das estrelas cintilantes
Que cuspiram aos montes
Sobre riquezas além do Horizonte

E o pequeno barquinho
Que por esses sonhos alheios
Estava completando cercado
Somente estava preocupado
De como o buraco na proa
deveria ser tratado

Quando entreguei a atividade para correção, a professora me perguntou se eu havia copiado de algum lugar, e eu afirmei que não e, logo em seguida, ela me perguntou sobre o que significava aquele texto. Após a minha explicação, percebi que a reação da minha professora naquele instante foi de surpresa. Ela simplesmente me parabenizou pelo texto e foi nesse exato momento que eu percebi que queria ser capaz de trazer essas reflexões a outras pessoas. Corri para casa e procurei por maneiras de me conectar com a produção artística das histórias.

Comecei, então, a estudar sobre a história da arte, nomes de importância e as principais referências existentes. Foi a partir daí que percebi que o meu lado apenas de consumidor era extremamente limitado. As obras que eu consumia e que tudo o que consumimos hoje, como filmes, livros, jogos e músicas, derivam de anos de evolução humana. Histórias estão presentes na humanidade desde a nossa origem. Em todos os povos que desenvolveram a escrita ou algum tipo de arte, há registros que contam histórias sobre aquela determinada civilização, retratando o cotidiano ou

os acontecimentos importantes. Desenhos rupestres, por exemplo, contam sobre as caçadas e a vivência em sociedade dos homens das cavernas, a conquista. Normanda na Inglaterra é retratada na tapeçaria de Bayeux. As escritas pictográficas presentes em vários povos retratam vários aspectos de um povo, como os maias, os astecas e os egípcios. Todas essas formas de contar histórias, além de entretenimento, serviam como forma de preservar a cultura. Com o passar do tempo, a evolução tecnológica permitiu que as histórias se tornassem mais e mais populares e semelhantes com a nossa literatura atual. A partir do século XVI, mais precisamente com a publicação de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, as histórias não pararam de evoluir em seu formato. Em 1895, por exemplo, foi lançada a HQ *The Yellow Kid in McFadden's Flats*, criada por Richard F. Outcault. Essa produção é considerada por muitos a primeira história em quadrinhos. No mesmo ano, foram lançados os primeiros filmes feitos pelos irmãos Lumière, a exemplo do curta-metragem *A chegada de um trem à estação* e

Não somente em termos técnicos as histórias evoluíram. Os temas trabalhados tornaram-se cada vez mais profundos e abrangentes, trazendo novos pontos de vista e experiências para cada história.

No século atual, as histórias são acessíveis a qualquer um que esteja disposto a se aventurar. Acho interessante criar e compartilhar histórias que de alguma maneira possam mudar a visão de mundo de alguém.

SOBRE O AUTOR

Felipe Costa Peniche nasceu em março de 2003, na cidade de Benevides/Pará. É quadrinista, estudante de artes visuais e filosofia existencialista, fascinado por cultura e subcultura nacional e estrangeira.



PEDRO BLANCO

Sonhos e expectativas



Como todo jovem, eu também tenho sonhos e expectativas para o meu futuro. Quando penso nisso as vezes sinto medo e angústia pensando "mas e se eu não conseguir? E se o que eu faço não é suficiente?", mas aí me lembro do porquê estou fazendo isso e desse porquê tiro forças para superar essas preocupações.

Desde cedo uma carreira sempre me chamou atenção, está carreira é o ramo da gastronomia, que pra mim é outra, é uma área mágica no qual se estuda a cultura, história, crenças, regionalismo e caráter culinário num todo. Indo para esta área da ciência conquistarei conhecimento, amigos e possíveis mestres, andarei pelos quatro cantos do mundo conhecendo e estudando culinárias, culturas e regiões diferentes para logo repassar esses conhecimentos.

Quando criança, era apaixonado pela cozinha e a todo momento estava lá junto de minha avó que se parque me motivou e ensinou praticamente tudo o que sei hoje. Estar naquela cozinha é uma coisa que sempre me fazia feliz, e pra min, lá seria como um refúgio que enquanto estivesse nele nada de ruim me aconteceria, e essa é a sensação que tento passar até hoje aos que estão cominho e para quem cozinho.

Pra min isso é cozinhar dar sentimentos àquilo que cozinha, fazer as pessoas se sentirem melhor só por estar lá a disposição delas. Só por já estar lá, ajudarei a várias pessoas, tanto àquelas que passam fome por ninguém os ajudar, quanto àquelas que querem ajuda mas não conseguem pedir. Como cozinheiro é pessoa a situação que mais odeio é ver pessoas passando fome enquanto outras que n passam jogam comida fora, por isso e outros motivos quero ir para a gastronomia com a mentalidade de quando estiver lá ajudarei a todos, não deixarei ninguém passar fome ou maus tratos em minha frente e irei fazer com que as pessoas enxerguem que gastronomia não é só cozinha, pois como já havia dito antes, além da culinária no geral, ela tb engloba a cultura, socialização, linguagem, história, geopolítica, caráter e saúde.

Mas para que tudo isso se realize é preciso foco, trabalho duro, esforço e não se entregar aos desvios e distrações que apareceram pelo caminho. Se não cuidarmos das sementes, como irão nascer os frutos? Conseguir realizar seus sonhos não é algo fácil, ninguém disse que é, mas se você se dedicar àquilo ao máximo mesmo no caminho tendo dor elas passaram quando alcançar as suas metas que foram estabelecidas por você. Como um velho amigo, professor e mestre já havia me dito "Nós somos protagonista de nossas vidas, então nós que decidiremos o rumo que toma o nosso destino, por isso existem aqueles que sonham dormindo e aqueles que sonham acordados. Aqueles que sonham dormindo se deixam levar pela maré do destino e não lutam para realizar seus sonhos. Já aqueles que sonham acordados lutam todos os dias para realizarem o que desejam, mesmo quando a vontade de desistir é grande eles continuam, eles moldam o seu próprio destino e não deixar que ele seja mudado por outras pessoas que só querem o mal, mesmo com essas pessoas os derrubando eles sempre se levantam."

Eu sou um dos que sonham acordados, mesmo sem ter muito apoio de meus pais e com tantos me derrubando e dizendo que n vou conseguir ou para eu escolher outra profissão, me levanto pois o nosso destino quem decide somos nós, somos

protagonista das nossas vidas, quem escreve o nosso destino somos nós mesmo e não os outros que o escrevem. Antes era introvertido, não falava com ninguém e não conseguia chegar perto de muitas pessoas, graças a ajuda de amigos que fiz ao longo de minha vida, família e a igreja, hoje em dia não sou assim, mudei para melhor, aprendi a pedir ajuda quando necessário, aprendi a ser um bom ouvinte e ajudar as pessoas quando elas precisam, me tornei uma pessoa na qual as pessoas podem contar com a ajuda e se sentir melhores depois da minha ajuda. Por conta disso hoje sou super social e gosto de ajudar a todos, e estou sempre disposto a qualquer um que chegar em mim e pedir por qualquer tipo de ajuda.

Pode-se dizer que eu aprecio todos os tipos de arte e incentivo todos os que estão lutando para seguir o caminho dela, pois esse tipo de pessoa é o que sempre lutam contra falas más das outras pessoas e quando caem levantam com tudo para continuar resistindo a repreensão. Eu luto para que um dia eu seja uma dessas pessoas que conseguiram realizar seus sonhos e conquistas.

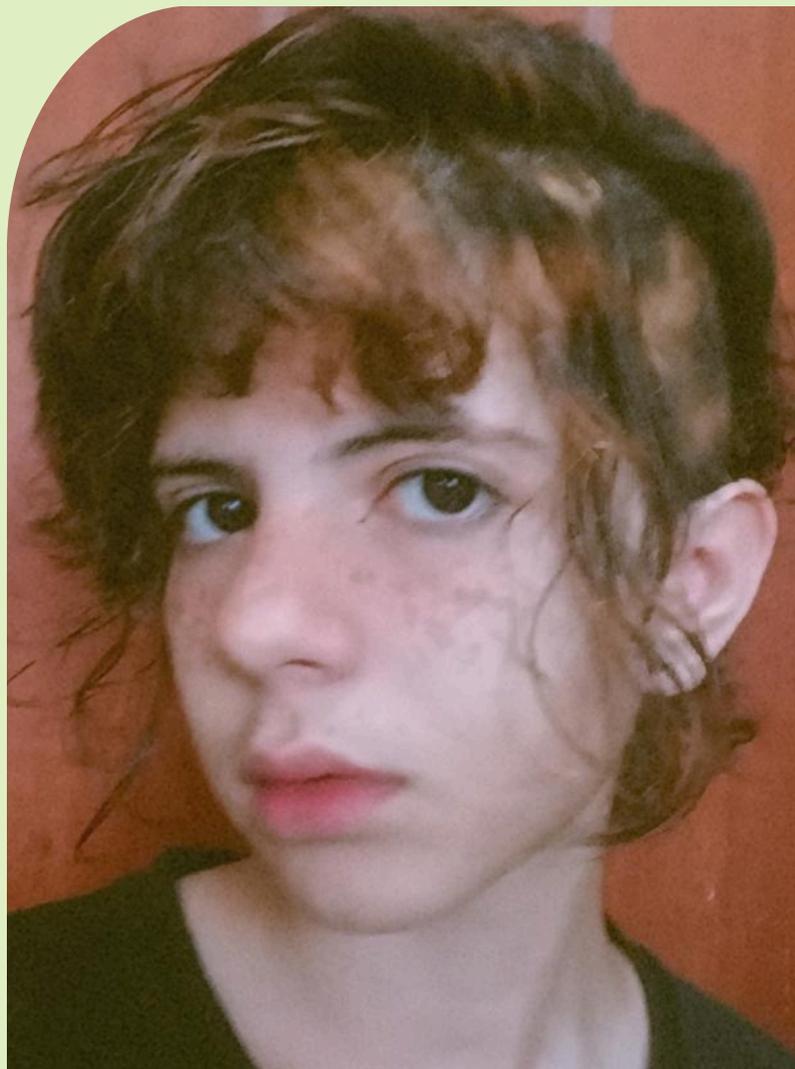
SOBRE O AUTOR

Pedro Lucas Blanco Souza, é um jovem de 15 anos cursando o primeiro ano do Ensino Médio no Colégio Visconde de Souza Franco no período integral. É cristão e seu sonho é um dia trabalhar no ramo da gastronomia. Fez o ensino fundamental na Escola Palmira Lins de Carvalho, no bairro da Marambaia. Gosto de música, de cozinhar e de vôlei. Antes ele era introvertido, não falava com ninguém e não conseguia chegar perto de muitas pessoas. Graças a ajuda de amigos que fez ao longo da vida, a família e a igreja, hoje em dia modificou o seu comportamento para melhor. Ele considera que aprendeu a pedir ajuda quando necessário, a ser um bom ouvinte e a ajudar as pessoas quando elas precisam. Pedro Blanco se considera uma pessoa na qual as outras podem contar para se sentir em melhores. Por conta disso, hoje ele é super social e gosta de ajudar a todos. Está sempre disponível para qualquer um que chegar e solicitar ajuda. Aprecia todos os tipos de arte e incentiva todos os que estão lutando para seguir o caminho de seus sonhos. Ele pensa que cada pessoa deve superar as críticas e que se por algum motivo elas fraquejarem devem se esforçar para continuar resistindo à qualquer tipo de repressão. A sua postura é de sempre lutar para que um dia possa ser alguém que pôde realizar seus sonhos e conquistas.

ALICE DÂMASO

Aprender e Ensinar

Minha vocação é a arte e tudo o que a ela está relacionado. O que também me encanta fortemente é a capacidade de ensinar e aprender. Fascina-me ainda mais pensar no quanto há para aprender e descobrir. Tanta coisa aconteceu na história do mundo até agora, tantas culturas, livros, músicas, tanta coisa que, mesmo se eu tivesse todo o tempo do mundo, não conseguiria conhecer tudo. Mas, mesmo que eu não possa saber e entender tudo, gosto de sempre descobrir algo novo e quero que minha missão de vida seja poder compartilhar parte, mesmo que pequena, de um conhecimento sobre o mundo com o máximo de pessoas possível sendo professora.



SOBRE A AUTORA

Alice Ferreira Dâmaso mora em Belo Horizonte (MG) e no seu tempo livre, ama ouvir música, ler, andar de skate e desenhar.

Sei que nem todos se interessam por arte renascentista, música pop e Shakespeare. Talvez seja por isso que algumas pessoas achem que essas formas de arte não servem para nada. Talvez seja por isso que essas mesmas pessoas não gostem de pintura, música e literatura, mas, se tivessem a oportunidade de conhecer novas visões de mundo e de arte, poderiam achar algo em que são boas e, assim, realmente aprender a gostar das artes em geral, mesmo que isso talvez não seja o mais comum.

Imagino quantas pessoas vivem vidas monótonas e cheias de arrependimentos, coisa que talvez não aconteceria se tivessem tido a oportunidade de conhecer algo novo, que poderia se transformar na paixão da sua vida, mas, infelizmente, isso nunca aconteceu.

ALÍCIA SILVA

Psicologia: uma admiração



É u me chamo Alícia, tenho 14 anos, meu sonho é ser psicóloga e tenho um pequeno resumo sobre isso.

A psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e os processos mentais. Ela busca compreender como as pessoas pensam, sentem, agem e interagem com o mundo ao seu redor. Os psicólogos utilizam métodos científicos para investigar uma ampla gama de tópicos, desde processos cognitivos até questões emocionais e sociais. A psicologia é uma disciplina diversificada, abrangendo diversas áreas, como psicologia clínica, psicologia do desenvolvimento, psicologia social, psicologia organizacional, entre muitas outras. Eu sempre admirei bastante a psicologia, bem como a forma de as pessoas se expressarem e conseguirem se abrir e falar dos seus problemas.

Quero muito ser psicóloga para poder ajudar as pessoas a entender o caso delas e dar o meu melhor para que elas encontrem o que vieram buscar na terapia. Já frequentei bastante consultórios de psicologia e admiro bastante a forma de esses profissionais se expressarem e darem o melhor para entender as pessoas e a situação em que elas se encontram para poder ajudá-las. Eu gosto muito de conversar e tentar ajudar as pessoas. Desde quando comecei a passar por sessões de terapia com uma psicóloga, eu passei a admirar os profissionais dessa área e a gostar bastante dessa profissão. Desde então, comecei a ter um sonho e a focar na psicologia, a fim de ajudar as pessoas.

SOBRE A AUTORA

Alicia Sônia Cordeiro da Silva tem 14 anos, nasceu dia 18/01/2010. É estudante da Escola Estadual Almirante Tamandaré, e mora no bairro da Marambaia, na cidade de Belém do Pará

ANNE SENA

O caminho da arte

Minha vocação é seguir no caminho da arte, eu desejo me formar em design gráfico. Com ela conseguirei ser feliz porque eu praticarei algo que gosto, que me ajuda a relaxar e a colocar meus pensamentos no lugar. Ela pode provavelmente ajudar outros artistas a se inspirarem, se motivarem a seguir na mesma área ou em uma área próxima a minha e também com ela pretendo ensinar outras pessoas, ajudarei elas a melhorarem suas técnicas, a achar seu próprio estilo. A opinião dos outros não impacta muito nos meus objetivos. Quando eu era mais nova essas opiniões alheias tinham muito, muito mais impacto, tanto que desisti de diversas profissões e sonhos que eu antigamente tinha, que em sua maioria eram opiniões negativas. Então hoje em dia a única opinião que eu me importo ou dou valor é a opinião é a da minha mãe, pois



desde o início ela me apoiou em tudo e ela sempre tenta me ajudar a me aprofundar mais nos meus objetivos. Claro que desde o começo sempre tive influência dela, ela é cenógrafa, designer de interiores e sonha em se tornar arquiteta, ela sempre me apresentou várias formas de arte, desde música a escultura, eu me inspiro nela como pessoa e como profissional.

SOBRE A AUTORA

Anne Senna é de Belém do Pará. Ela nasceu dia 26 de janeiro de 2010, tem 14 anos e cursa o 9º ano na Escola Palmira Lins de Carvalho, no bairro da Marambaia. Ela gosta de ouvir música, pintar com aquarela, desenhar no digital, de ler livros e *e-books*, de andar de bicicleta com seus colegas de classe. Também gosta de assistir animes, desenhos animados e game plays de jogos de plataforma, que é seu estilo de jogo favorito.



AMAURÍ JÚNIOR

Meu futuro

Eu pretendo ser policial, pois eu gosto de sentir a adrenalina agindo no corpo e de ajudar pessoas. Apesar de ser uma profissão perigosa, sinto que posso ser um policial realizado.

O sentimento de salvar vidas e ter uma equipe em quem confiar é bom, mas o perigo de um policial andar fardado complica a situação, mas isso não me faz desistir da minha vocação, porque eu sei que eu nasci para isso. Eu gosto tanto de policiais que sempre falo com eles quando vejo algum. Apesar de morar em um local que pode ser considerado perigoso, eu sempre vou preferir a vida dura e difícil de ser policial. Diferente de muitos que entraram para a vida errada por falta de opção, essa vida nunca vai ser uma opção.

Eu prefiro correr riscos a ter uma vida fácil. Policiais podem ajudar muitas pessoas, incluindo, principalmente, os oprimidos. Desde criança, eu sempre tive desejo e o sonho de ser policial, mas há dois tipos de policiais que eu sempre quis ser: da ROTAN (Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas) ou da PRF (Polícia Rodoviária Federal). A ROTAN, porque tem muita adrenalina e a PRF por conta das motos e das blitz. Ajudar a população também é um dos motivos que me levam a querer exercer essa profissão. Eu acho que eu me sairia bem, porque eu sinto que ser policial é a minha vocação. Independentemente das dificuldades e coisas que podem fazer isso não dar certo, eu nunca vou desistir e sempre vou me esforçar cada vez mais para correr atrás do meu sonho.

SOBRE O AUTOR

Amauri Reis tem 14 anos e dois irmãos. Gosta de escutar musicas, utilizar o celular e jogar bola. Ele tem o desejo de ser policial futuramente.

ANA JÚLIA

O desenho como paixão

Agente pode ser tudo o que quiser. Eu posso dizer que eu não sou uma pessoa de poucas vocações, mas minha grande e verdadeira paixão é desenhar, principalmente animes, que foi um talento e um dom que eu descobri. Desenho desde os 5 anos, animes desde os 12 anos de idade, coincidindo com o período da pandemia. Desenhar principalmente os animes Naruto e Dragon Ball é minha grande paixão e a minha verdadeira vocação. Mas como minha vocação pode ajudar outras pessoas? Não pretendo me restringir somente ao desenho, mas sim à arte ou qualquer coisa relacionada a ela. Pintar quadros, fazer esculturas, fazer grafites, pintar uma casa, fazer pequenos desenhos nas paredes dessa casa, desenhar pessoas e desenhar mangas são formas de arte.



Isso tudo pode ajudar uma pessoa, que esteja, por exemplo, com depressão ou alguma tristeza. O meu maior sonho é ser uma grande desenhista e fazer outras pessoas felizes. A gente pode ser tudo o que quiser se a gente tiver fé e amor.

SOBRE A AUTORA

Ana Júlia Damasceno Lima nasceu em 24 de abril de 2008. Mora no bairro da Marambaia. Ela gosta de ver filmes antigos, nada atual, tipo anos 80, 90 e 2000. Também aprecia escutar músicas dos anos 70, tais como as da banda Queen, Bohemian Rhapsody (1975), Careless Whisper (1984), de George Michael, Europe Carrie (1986), Bonnie Tyler, Total eclipse of the heart (1983) e Cyndi Lauper, Girls just want to have fun (1983). Essas são as suas músicas favoritas. Seus filmes e séries favoritos são “Fúria de Titãs” (1981), “Titanic” (1997), “The Walking Dead”, “The Vanpires Diares”, “The Originals”, “Teen Wolf”. Sua paixão são os animes, como por exemplo “Cavaleiros dos Zodíacos”, “Dragon Ball” e “Naruto”. O seu livro predileto é “O cavalo e seu menino” (1954), de C. S. Lewis, Ela sabe tocar teclado, ama futebol e pensa em ser desenhista.



ANA BEATRIZ *A minha autorrealização*

Sinto que a minha vocação é passar no concurso para fuzileiro naval da Marinha. Meu sonho é sair em missões para outros estados. Se caso essa profissão não der certo, eu pretendo cursar direito, pois eu acho interessante.

A minha vocação me faria feliz, pois é um sonho meu desde muito nova. Seria a minha autorrealização, mudaria a vida e me daria melhores condições financeiras, me proporcionaria muito mais conforto. Eu, com certeza, ficaria muito feliz por realizar esse sonho não só por minha causa, mas também porque eu teria condições de ajudar a minha mãe, dando uma vida melhor para ela.

A minha vocação ajudaria muitas pessoas, além de ajudar a minha família financeiramente. Eu ajudaria também muitos cidadãos brasileiros, pois a área que eu desejo seguir tem como parte da missão ajudar muito a sociedade.

SOBRE A AUTORA

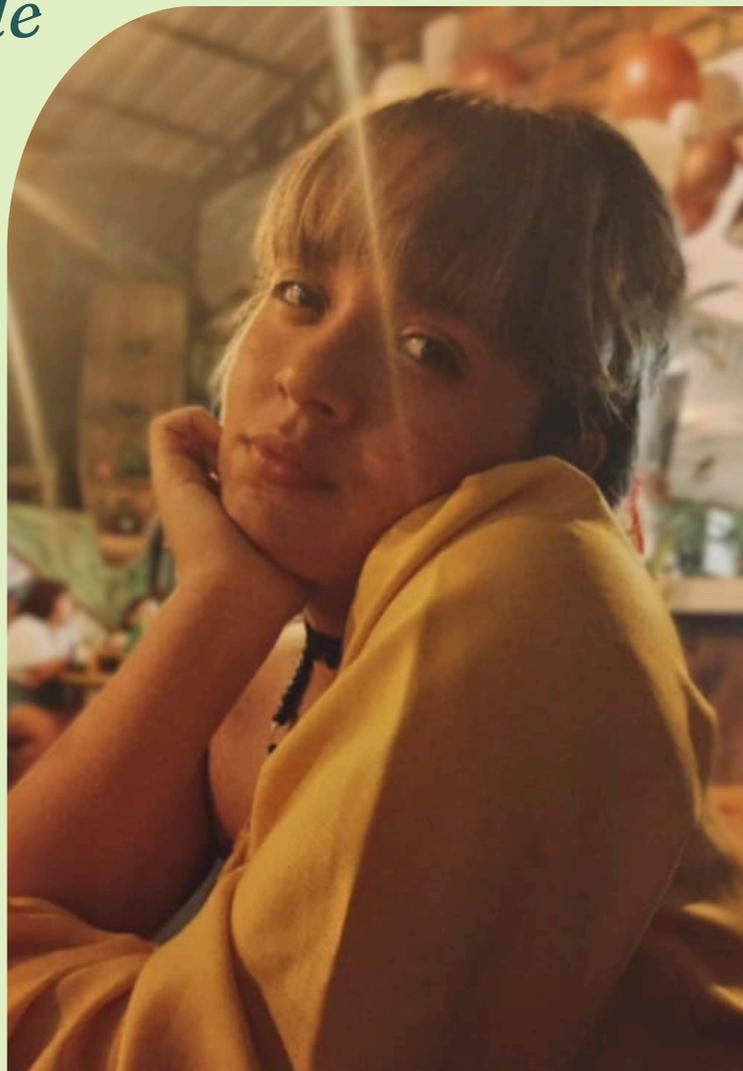
Ana Beatriz Rodrigues e Rodrigues tem 15 anos. É aluna da Escola República de Portugal. Ela nasceu em Abaetetuba - Pará, mas depois de uns anos veio morar em Belém por conta de assuntos familiares. Gosta de ler, escrever e, segundo o seu relato, considera que participar da Revista Amazônia Jovem é uma ótima oportunidade para aqueles que desejam ser escritores no futuro.

CARLA PINHEIRO

*A vocação de modelo:
em busca da autorrealização
e do impacto na sociedade*

Avocação de modelo é um chamado que vai além da beleza física e das passarelas. É uma arte que envolve expressão, criatividade e a capacidade de contar histórias através das poses e das roupas. Para mim, a minha vocação como modelo é uma forma de me expressar e alcançar a minha autorrealização.

Por meio da moda e da beleza, tenho a oportunidade de transmitir mensagens, inspirar pessoas e contribuir para a sociedade de diversas maneiras. A partir das campanhas publicitárias e das revistas, posso promover a diversidade, a inclusão e a quebra de estereótipos. Posso ser um exemplo para outras pessoas, mostrando que a beleza está em todas as formas, cores e tamanhos.



A percepção da minha família e da sociedade em relação à minha vocação profissional pode variar. Alguns podem ver a carreira de modelo como algo superficial ou incerto, enquanto outros podem reconhecer o potencial e a importância da indústria da moda. Essa percepção pode interferir na busca do meu sonho, pois posso enfrentar desafios e julgamentos ao longo do caminho.

No entanto, acredito que é essencial seguir o meu coração e acreditar no meu potencial. A minha vocação como modelo vai além das aparências. É uma forma de expressar quem eu sou e de fazer a diferença no mundo. Por meio da minha carreira, posso inspirar outras pessoas a se amarem e a se aceitarem como são, promovendo a autoestima e a confiança. Em resumo, a minha vocação como modelo é uma busca constante pela minha autorrealização e pela minha contribuição positiva para a sociedade. Por meio da moda e da beleza, posso transmitir mensagens poderosas, inspirar pessoas e promover a diversidade. Apesar dos desafios e das percepções externas, estou determinada a seguir o meu sonho e a fazer a diferença no mundo com base na minha vocação.

SOBRE A AUTORA

Carla Maria de Sousa Fiel Pinheiro, nascida em Belém do Pará em 2009, estuda na escola EEEF Almirante Tamandaré. É uma jovem talentosa e determinada a deixar sua marca no mundo. Desde cedo, Carla demonstra um interesse ardente pela arte e pela expressão criativa.



CHRISTIAN SOUZA

Vocação nas alturas

Descobri minha vocação em 2023, pode até ter sido recente mas me identifiquei muito com ela, quando fiz a minha segunda viagem de avião, em minha primeira viagem eu não era muito interessado por aviões, já em minha segunda viagem eu já tinha mais sabedoria e interesse sobre a aviação, algumas semanas depois comecei a gostar da aeronáutica, e senti mais identificado com a aviação militar do que com a aviação comercial. E assim descobri minha vocação, aviação aeronáutica, pilotar um caça fazer manobras, missões, sentir a força G (força gravitacional) e além de tudo servir as forças armadas são os meus futuros desejos com essa vocação.

E essa vocação me trará muita felicidade por o motivo de estar realizando um sonho de ser aviador. Em minha segunda viagem dentro do avião eu senti uma coisa, sentia uma sensação muito boa, como se meu ser interior estivesse falando para mim que aquela seria a minha vocação, essa voz não estava errada ela sabia que seria a aviação, mas não sabia que seria a militar. Em diante eu comecei a entender mais sobre aviação, comecei a ir em eventos e apresentações, naquele eu refleti e percebi que eu precisava fazer parte daquilo, eu precisava exercer aquela profissão, precisava me sentir eu mesmo. Hoje eu estudo muito pra um dia exercer essa profissão e me orgulhar disso.

Essa vocação também me dará possibilidade de ajudar outras pessoas em diversos aspectos como por exemplo em uma guerra ou em um ataque terrorista estarei fazendo a defesa antiaérea, em transporte de suprimentos e remédios em ocasião de uma epidemia estarei transportando remédios entre municípios também transporte de suprimentos para tribos indígenas , transporte de pessoas doentes para o hospital caso ela precise de um transplante, transfusão de sangue ou até mesmo a alguém que tenha sofrido um ferimento grave e não tenha acesso a um centro de emergência e tenhamos que levar ao hospital mais próximo, transporte de tropas que serão lançadas de paraquedas para proteção terrestres e de cargas levando armamentos e veículos.

E claro que para cada um tipo de missão dessas é necessário um modelo de aeronave diferente, para guerras usamos os Caças, transporte de suprimentos usamos aviões de pequeno porte como Cesna Caravan, transporte para hospitais são os Legacy (jatinhos) e transporte de armamentos usamos o Kc-390 (grande porte). Estarei sempre ajudando as pessoas e protegendo o céu do país.

Me sentirei muito realizado ao praticar essa vocação por estar ajudando na proteção do país, ajudando pessoas em diversos aspectos, realizando um sonho, fazendo uma atividade maravilhosa, tendo vistas esplendidas e uma incrível sensação de pilotar essas máquinas tão fantásticas! Realizando um objetivo de vida de um dia ter um mérito, exercendo isso sem ganância mas com amor!

SOBRE O AUTOR

Christian Eduardo Caldas de Souza é um jovem sonhador nascido no dia 13 de setembro de 2009 em Belém, onde foi criado até os dias de hoje. Atualmente, com 14 anos, ele cursa o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal República de Portugal. Ele gosta muito de esportes, de estudar, viajar e deseja conhecer o mundo todo. Ele pretende se formar em Piloto de Caça, mas também admira muito profissões como Advogado, Perito Criminal e Detetive de polícia.

DANIEL GOMES

Software vocacional

Aos meus 8 anos, eu comecei a me interessar pela informática por meio de jogos. Com o passar do tempo, instalando aplicativos e programas, eu fui desenvolvendo minhas habilidades em computação. Posso dizer que eu sempre amei fazer isso. Foi a partir dos meus 13 anos que eu comecei a pensar qual seria minha vocação. Aos meus 14 anos, depois de dar uma leve estudada sobre profissões que envolvem computação, eu cheguei à conclusão que Engenharia de Software se encaixa perfeitamente no meu perfil, e essa vocação me trará felicidade não só pelo salário, mas também pelo amor que eu sinto pela profissão que envolve tecnologia e informática.



Sendo assim, eu poderei atender a sociedade no avanço da tecnologia de seus aparelhos muito usados no dia a dia, desenvolvendo sistemas, aplicativos, programas e sistemas educacionais. Assim, me sentirei muito realizado com a minha profissão, pois, como já foi dito, eu gosto de atuar nessa área. Como um engenheiro de software, eu poderei atender à necessidade de muitos consumidores e, assim, contribuirei para avanços tecnológicos. Em relação ao meu salário, eu serei bem remunerado, dependendo de onde eu irei atuar como engenheiro de software.

Um profissional dessa área ganha em torno de 12 a 15 mil por mês fora de uma big tech, que é uma empresa que exerce domínio no mercado de tecnologia e inovação, como a Apple, o Google, a Amazon, a Microsoft e a Meta. Já o salário de um engenheiro de software de uma *big tech* chega a mais de 100 mil em qualquer uma dessas empresas.

Também tenho interesse em pesquisar assuntos dessa área. Foi assim que encontrei o nome de Augusta Ada Byron King, mais conhecida como Ada Lovelace. Ela nasceu em 10 de dezembro de 1815, sendo a primeira programadora de toda a história que desenhou o primeiro algoritmo usado por uma máquina analítica, uma calculadora.

O maior feito de sua história que nos possibilitou hoje que diversas tarefas sejam realizadas em um computador ao mesmo tempo. E assim como ela meu objetivo como Engenheiro de software é realizar conquistas que transformaram a Humanidade na tecnologia.

SOBRE O AUTOR

Daniel Pereira Gomes é filho de Cleyce Albuquerque Santos Pereira Gomes e Wilbelmon da Luz Gomes. Ele nasceu em Belém do Pará, em 14 de setembro de 2009. Está com 14 anos e cursa o 9º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Republica de Portugal, no bairro da Marambaia. Seus *hobbys* são o futebol, patinação, videogames e filmes/séries. Para o seu futuro, ele pretende completar todos os níveis de escolaridade e a partir daí seguir a carreira de Engenharia de Software, pois é uma profissão que gosta e admira. Embora ainda não tenha se decidido, ele também tentará seguir a carreira de jogador de futebol profissional.



DANIELLA DA SILVA

*Direito:
uma inspiração*

A profissão de direito é uma atividade que no futuro eu pretendo seguir. É algo que me inspira a ajudar os outros e de promover justiça. O meu desejo é atuar como advogada criminalista. O Direito pode ajudar a vida de muitas pessoas, de várias maneiras. Acredito que os advogados defendem os direitos individuais e coletivos, garantindo que todos sejam tratados com justiça perante a lei. As minhas expectativas em relação a essa profissão que desejo seguir é algo surreal. Várias descobertas que vou fazendo no dia a dia me dão a certeza de que essa profissão poderá fazer diferença na vida das pessoas na minha comunidade. Além disso, temos a responsabilidade de representar aqueles que muitas vezes não tem voz na sociedade.

Penso que nesta profissão vou desempenhar um papel crucial na proteção dos direitos individuais e na prevenção contra as injustiças. A nossa atuação pode fazer a diferença na vida daqueles que mais precisam de apoio legal e que buscam a verdade pela justiça. Essa profissão pode causar impactos positivamente na vida de pessoas ao promover o respeito aos direitos fundamentais.

SOBRE A AUTORA

Daniella da Silva Tiago é aluna da Escola Estadual Presidente Costa e Silva, na cidade de Belém do Pará. Ela gosta de ir a igreja e de ler. Em finais de semana, tem como *hobby* ir ao clube de desbravadores.

DEYVID GÓIS

Paixão por tatoos

Em meu futuro pretendo fazer o curso de Medicina, para ser médico pediatra, por influência da paixão que a minha família tem por essa profissão. Também penso em ser policial do BOPE – Batalhão de Operações Especiais para acabar com o crime organizado no Brasil. Quando assisti ao filme “Tropa de Elite” e a série “Anjo Renegado”, isso me motivou a seguir essa carreira. Outra paixão que tenho é o desenho, o que me faz desejar ser um pintor de cartum ou tatuador. As minhas inspirações sempre foram o Ziraldo, que criou o personagem do “menino maluquinho”, e o Maurício de Sousa, que fez a “Turma da Mônica”. Eu ficaria mais feliz em realizar o sonho de fazer uma faculdade de desenho e me tornar um tatuador. Teria muito orgulho de ter essa profissão. Eu acho que para ser um tatuador é preciso fazer cursos. Com essa profissão, poderia ajudar financeiramente a minha mãe e também outras pessoas que desejassem fazer as suas “tatoos” com um significado para elas.



SOBRE O AUTOR

Deyvid Vieira Góis tem 14 anos e estuda no 9º ano da Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia. Ele gosta de aproveitar o seu dia fazendo artes em grafite, musculação e praticando jiu-jitsu.



ÍISIS ASSUNÇÃO

Vocação

Na busca de uma vocação, algumas pessoas se encontram despreparadas e indecisas sobre o que querem ser na vida. Nesse momento, é preciso mergulhar no mar de pensamentos e sentimentos no que te deixaria feliz e emocionado, algo que você tenha prazer e goste de fazer. Isso é se encontrar consigo mesmo. Ao observar os outros, percebe-se que existem pessoas que não mergulham no mar de pensamentos. Não estão preocupadas se vão ajudar a somar no mercado de trabalho, mas sim em apenas receber benefícios. Na procura de sua vocação, sinta o seu coração, sinta a sua alma, veja a necessidade que está a sua volta e no que as pessoas precisam de ajuda. Lembre-se: o importante para você colocar em mente é: “quem faz o que ama tem um destaque maior entre pessoas que só pensam nos seus próprios benefícios”.

Ao olhar seu reflexo no espelho, você sentirá orgulho de si mesmo e dirá: “não é fácil, mas desistir não é uma opção”. Essas palavras servem também para quando você pensar em desistir. Quando você perceber que está sendo útil e vir com seus próprios olhos pessoas chorando de alegria e gratidão, você se emocionará se sentindo feliz e realizado em todas as áreas da sua vida. “Vocação” é um termo que está relacionado a pessoas que estão escolhendo determinadas atividades ou profissões. Isso pode estar presente em várias áreas, nas quais alguém sente uma forte motivação para ajudar os outros, seja na medicina, seja na psicologia, seja em outro campo profissional.

A família é o principal apoio para dar conselhos quando estamos confusos e sem ter noção do que fazer. Ela te ajuda a seguir seu coração em busca de uma vocação. Quando você pensar em desistir, ela vai te apoiar fazendo você confiar em si mesmo. Quando você conseguir, você verá a preciosidade de ter uma família que te apoia e que jamais deixaria de confiar no seu potencial. A partir de então, você verá com os próprios olhos várias pessoas felizes e satisfeitas com a sua excelente competência.

Sem o apoio da família é um grande obstáculo, mas não é impossível conseguir e conquistar seus sonhos. A única pessoa de quem você precisa para ter sucesso é você mesmo. Tudo realizado com esforço e dedicação é possível. Você consegue!

SOBRE A AUTORA

Ísis Assunção é aluna do 9º ano da Escola de Educação Infantil e Fundamental República de Portugal, no bairro da Marambaia, na cidade de Belém. O que ela mais gosta de fazer é estudar, assistir Doramas e vídeos do “Diário privado” no *Youtube*.

JULLY MARTINS

*Arte:
valor e motivação*

Posso considerar que a minha vocação é desenhar, o meio artístico chama bastante a minha atenção! Acho que pode ser um meio para me deixar alegre e calma, a arte me trás inspiração para aprender cada vez mais o valor das pinturas, quadros e desenhos. A arte serve para expressar seus sentimentos através da imaginação e criatividade. Penso que possa servir como inspiração para as pessoas, ou uma forma de encorajá-las a voltar a desenhar! Isso pode fazer com que a pessoa use a imaginação, e desenvolver o estilo de arte. Ela pode querer desenhar realista, semi-realista, cartoon, anime, pintura a óleo, etc entre outros estilos. Meu estilo favorito de arte é o mangá, eu gosto da forma como o autor ilustra os cenários e as cenas, o jeito que cada mangaká desenha o cenário é único!



Melhor que isso, são as cenas de suspense, eles sempre conseguem deixar a cena impecável e profunda. Eu simplesmente amo desenhos! Cada artista tem seu traço, e jeito de desenhar. Ao olhar seu reflexo no espelho, você sentirá orgulho de si mesmo e dirá: “não é fácil, mas desistir não é uma opção”. Essas palavras servem também para quando você pensar em desistir. Quando você perceber que está sendo útil e vir com seus próprios olhos pessoas chorando de alegria e gratidão, você se emocionará se sentindo feliz e realizado em todas as áreas da sua vida. “Vocação” é um termo que está relacionado a pessoas que estão escolhendo determinadas atividades ou profissões. Isso pode estar presente em várias áreas, nas quais alguém sente uma forte motivação para ajudar os outros, seja na medicina, seja na psicologia, seja em outro campo profissional.

SOBRE A AUTORA

Jully Maria Dantas Martins tem 15 anos. Gosta de livros, especificamente livros de *dark romance*, de filmes de terror que envolvem psicologia e suspense. Adora desenhar, mas só o faz quando tem vontade. Livros de comédia também provocam o seu interesse. Ela é bastante criativa, consegue criar histórias e personagens! Tem como hobby ouvir músicas diariamente, principalmente aquelas que expressam sentimentos e emoções fortes, sejam de melancolia, dor, paixão, indecisão ou que simplesmente sejam envolventes e emocionantes.

KAUAN DOS SANTOS

*Vocação: uma
descoberta*



Vocação é algo que muitas pessoas têm dificuldade de descobrir e até mesmo medo de não ser o que essas pessoas esperam. Eu não sou muito diferente. Normalmente, as pessoas buscam por uma vocação um pouco mais pé no chão.

Acredito que minha vocação é desenhar, algo que com a Internet de hoje em dia virou algo simples de se ver. É exatamente por isso que, sendo normal se ver um desenho, você acaba tendo um pensamento que para algo ser considerado bom, é necessário que haja realismo. Para outras pessoas, basta algo que as impressionem ao olhar, mas a arte está até mesmo nas pequenas coisas, como, por exemplo, um desenho que talvez não tenha um alto realismo, mas que apresenta o ponto de vista de quem o criou. Quando sua arte é apreciada, você tem o

sentimento de realização ou felicidade, por ter conseguido que uma pessoa entenda um ponto de vista diferente, mas que, dependendo da interpretação, as pessoas acabam se inspirando, e isso as ajuda a verem o mundo de maneira diferente, de maneira mais artística. Sobre a minha família e sua relação com o meu sonho, sinto que minha vocação começou desde quando eu era criança e apresentava meus desenhos simples, mas que os meus pais sempre elogiavam, e tenho certeza de que hoje em dia eles aceitariam o meu sonho. Já a sociedade, dependendo muito do ponto de vista, como já foi dito, pode não compreender o meu estilo de arte. Além de ser um dos principais motivos de pessoas não seguirem esse sonho, para além da dificuldade, também há como as pessoas verem seu sonho.

SOBRE O AUTOR

Kauan Nicolas Araújo dos Santos tem 14 anos e estuda na Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia. Em seu tempo livre, ele gosta de se dedicar na atividade de desenhar.

LÍVIA SOARES

Siga os seus sonhos

A minha vocação é a arte. Ser artista sempre foi o meu sonho, mas quando temos um sonho também temos medo: medo de fazer uma escolha ruim, medo de errar e, como todo bom humano, medo da rejeição. Mas não se preocupe. Isso é só um detalhe que vai determinar a sua vida até o final, então fique tranquilo e siga seus sonhos sem medo. “A vida é só uma”, eles dizem.

A maioria das pessoas acha que arte não dá dinheiro, e eles estão certos! Mas em uma vocação, dinheiro não é tudo o que importa. O que realmente importa é se sentir bem com o que faz. Eu vejo muitos adultos tristes com empregos ruins, apenas para sobreviver. Esses adultos também tiveram sonhos. Eu acredito que a minha geração, com a capacidade e tecnologia que tem, pode ir muito longe na arte, em todos os tipos de arte possíveis.



Então, eu acho que seguir os meus sonhos, como ser artista, me fará muito feliz. Talvez, se você seguir os seus sonhos, isso faça você feliz também. Normalmente, você diria que arte não ajuda ninguém, mas é aí que você se engana! Da arte você tira sinais e conclusões sobre a sua vida. A profundidade da arte é tão importante quanto a interpretação das pessoas. Eu poderia escrever muito sobre como a arte muda a vida das pessoas e sobre como a arte mudou a minha vida, mas o que realmente importa é que a arte dá possibilidades de ajudar as pessoas. Todo mundo precisa de apoio, nem que seja artístico.

Vamos considerar que em muitas pessoas está a falta de autoconfiança e apoio por parte da sociedade. A arte ainda não é uma vocação na qual todos acreditam que vai dar certo. Nem as pessoas que sonham em ser artistas têm total certeza disso. Então, eu diria que já estou bem realizada com a minha decisão, só por ter certeza de que vai dar certo, independente da área em que eu me empregar em artes. Assim, eu já ficaria excessivamente satisfeita e devidamente realizada.

SOBRE O AUTOR

Lívia Soares fez a ilustração da capa desta 3ª edição da Revista Amazônia Jovem. Ela é desenhista, gosta de ler e estuda na Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia.

LUCAS LIMA

Um ótimo psicólogo



Meus pais disseram que eu seria um ótimo psicólogo, mas meu irmão disse que eu não seria um bom psicólogo, porque, segundo ele, eu sou uma pessoa que coloca muitos defeitos em mim mesmo, mas eu discordo. Eu acho que eu seria um ótimo psicólogo, porque eu tenho certeza de que essa é a minha vocação. Eu sou uma pessoa que sabe lidar com situações delicadas, a exemplo de pessoas com problemas, que estejam querendo conselhos, conversar e desabafar. Eu tenho certeza de que minha vocação pode ajudar muitas pessoas com problemas, principalmente meus amigos. Tenho amigos que têm muita dificuldade em falar com seus pais. Eles me contam muita coisa sobre eles. Meus amigos me contam, porque eles confiam em mim e me dizem que eu poderia me tornar um psicólogo, um psiquiatra ou um terapeuta. Isso fez com que eu quisesse mais ainda ser o que eu tanto quero ser.

Então, eu acho que seguir os meus sonhos, como ser artista, me fará muito feliz. Talvez, se você seguir os seus sonhos, isso faça você feliz também. Normalmente, você diria que arte não ajuda ninguém, mas é aí que você se engana! Da arte você tira sinais e conclusões sobre a sua vida. A profundidade da arte é tão importante quanto a interpretação das pessoas. Eu poderia escrever muito sobre como a arte muda a vida das pessoas e sobre como a arte mudou a minha vida, mas o que realmente importa é que a arte dá possibilidades de ajudar as pessoas. Todo mundo precisa de apoio, nem que seja artístico.

Vamos considerar que em muitas pessoas está a falta de autoconfiança e apoio por parte da sociedade. A arte ainda não é uma vocação na qual todos acreditam que vai dar certo. Nem as pessoas que sonham em ser artistas têm total certeza disso. Então, eu diria que já estou bem realizada com a minha decisão, só por ter certeza de que vai dar certo, independente da área em que eu me empregar em artes. Assim, eu já ficaria excessivamente satisfeita e devidamente realizada.

SOBRE O AUTOR

Lucas Hiago Lima Valente tem 14 anos e cursa o 9^a ano do Ensino Fundamental na Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia. Gosta de jogar vôlei, mesmo não sabendo jogar muito bem. Ele diz que não gosta de falar na frente de muitas pessoas porque fica nervoso. Gosto dos seus amigos e de fazer novas amizades.

MONIC VITÓRIA

*Vocação em duas
carreiras*

Vim falar um pouco sobre as profissões que eu desejo seguir... Eu, assim como várias pessoas no mundo, pretendo ter mais de uma profissão. Dessa maneira, pretendo ter duas opções de carreira. Eu quero fazer faculdade de nutrição e dança. Gosto da nutrição, e de saber sobre o organismo dos seres humanos, pelo fato que quando era criança eu tive a oportunidade de cuidar dos alimentos. Sempre apreciei me alimentar bem e pedia para minha mãe comprar comidas saudáveis. Também sempre gostei bastante de dançar, e ainda gosto muito. Pretendo levar esse meu grande dom para toda a vida. Quando eu percebo já estou dançando uma música aleatória ou até montando uma coreografia, porque só pelo som e a batida eu já consigo criar uma dança.



Às vezes, eu consigo dançar até com os dedos quando não posso me movimentar. E eu sempre gostei de participar de quadrilha, carimbó e etc... Se me perguntassem como eu me imagino daqui a uns anos, eu responderia que eu me imagino com uma renda boa, tendo meu apartamento, vendo as coisas nas lojas e conseguindo comprar. Também quero ajudar financeiramente minha mãe, essa é uma das coisas que eu sempre pensei. Não pretendo ter filhos, então seria somente eu e minha mãe.

SOBRE A AUTORA

Monic Vitoria Ribeiro Corrêa, nasceu em Turiaçu, do Maranhão. Ela tem 14 anos e vai fazer 15 em junho. Atualmente mora sozinha com a mãe no bairro do Benguí, em Belém Pará. Estuda na Escola Presidente Costa e Silva.



SOBRE O AUTOR

Noah Vasconcelos Costa é aluno da escola República de Portugal. Em seu tempo livre gosta de assistir séries (especificamente *Monster High*). Ele sonha em ser ator, por isso se esforça a cada dia para realizar o seu sonho.

NOAH COSTA *Ator em cena*

Quando eu era mais novo, eu assistia a muitos filmes. A maioria era sobre detetives, então eu pensei que queria ser juiz de tribunal, mas aí eu pensei melhor e decidi que queria ser ator. Como eu já tinha falado, eu assistia a muitos filmes quando eu era mais novo e sempre me imaginava dentro dos enredos, então seria um grande sonho para o meu “eu” de antes poder estar de fato numa história.

Acho que não ajudaria muito, mas as pessoas vão ter mais séries para ver. Algumas pessoas, até mesmo as mais próximas, parecem estar um pouquinho tristes com a minha decisão, e isso me deixa inseguro, porque elas estiveram do meu lado a vida toda, mas eu sei que eu não posso agradar a todo mundo.

REBECA SILVA

Masterchef

Quando eu pensei em que profissão eu queria ter no futuro, tive muitas opções, mas uma delas me chamou mais atenção: ser chefe de cozinha. Desde pequena, sempre gostei de ajudar minha mãe a fazer comida. Eu tinha um sentimento tão bom em fazer aquilo.

Hoje esse sentimento pela gastronomia apenas cresceu. É incrível perceber que cada região tem um jeito único de preparar sua comida. Eu acho que, além de trabalhar pelo dinheiro, o mais importante é trabalhar amando o que faz. Eu espero que eu consiga realizar meu sonho de ser chefe de cozinha. Assim, eu também posso ajudar muitas pessoas, porque um dos meus sonhos é fazer o que eu amo e poder ajudar as pessoas, entregando comida para aquelas que não têm condições de comprar.



SOBRE A AUTORA

Rebeca da Costa Silva estuda na Escola Almirante Tamandaré. Ela ama aprender coisas novas, praticar esportes e cozinhar. Sente-se grata aos seus pais e seus professores da escola por lhe ensinarem coisas que ela considera levar para a vida toda.

RENAN PABLO

O rumo da vocação



Desde pequeno, sempre tive interesse em coisas da parte tecnológica. Sinto que nesse rumo é com certeza a minha vocação. Com bons estudos, muito esforço e dedicação, eu poderei alcançar esse meu sonho. A minha vocação é voltada para a área da mecânica, então isso pode abrir vagas de empregos na sociedade e novos tipos de trabalhos. Com isso, são mais pessoas tendo como se sustentar. Conseqüentemente, diminuirá o número de pessoas que não tem onde morar e de pessoas que passam fome. Assim, o mundo pode se estabilizar mais, diminuindo o número de pessoas sem empregos e casa para morar. Dessa forma, haverá pessoas mais felizes e dispostas a trabalhar mais e mais. Com isso, poderemos evoluir nossos conhecimentos em várias outras áreas da tecnologia.

A sociedade considera esse tipo de trabalho “difícil” de ser alcançado, enquanto existem muitos outros tipos que seriam mais “fáceis” de serem alcançados. Por conta disso, muitas pessoas desistem de seus sonhos, porque acham que é um sonho impossível ou que não seja algo “agradável” de se fazer, mas eu ignoro o que os outros falam ou pensam sobre isso. Mesmo que seja uma longa jornada e seja muito difícil, eu acredito que eu posso, sim, conseguir realizar o meu sonho.

SOBRE O AUTOR

Renan Pablo Pinheiro Cavalcante tem 14 anos e estuda na Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia. Em seu tempo livre, a sua atividade preferida é assistir a séries.

SARAH STHEFANYE

Minha vocação

Minha vocação é algum dia me tornar fuzileira naval e poder ganhar mais estabilidade para mim mesmo. Assim, poderei me ajudar e ainda ajudar minha família. É por isso que acredito que devemos seguir a nossa autoconfiança. Não importa o que as pessoas digam, temos de seguir a profissão que amamos, algo que nos faz feliz e não algo que outras pessoas nos falam ou que apenas nos remunere bem. Eu, por exemplo, desde quando me entendo por gente, comecei a gostar dessa profissão, mas eu sempre me perguntei como era que eu iria lidar com duas profissões que me fazem feliz: servir às Forças Armadas e participar de corrida de carros. Porém, eu vou seguir o que me veio primeiro, mas, para isso acontecer, preciso me esforçar muito. A minha vocação pode me ajudar de muitas formas, trazendo-me um bom retorno financeiro, ajudando-me bastante em treinamentos e ensinando-me a ser forte.



Ingressar nas Forças Armadas também vai me deixar muito mais orgulhosa de mim mesma, assim como aos meus familiares, que vão ficar muito contentes e orgulhosos de mim por saber que eu conquistei algo que amo e me deixa bastante feliz. Além disso, essa profissão vai me ajudar a comprar o carro dos meus sonhos.

Interesso-me por essa profissão, porque os fuzileiros navais também podem ajudar as pessoas. Em missões, pode ocorrer algum acidente e alguém possa precisar de alguma ajuda.

Eu não me importo se minha família ou a sociedade não concordam com a minha futura profissão. Se eles se sentirem orgulhosos de mim vou ficar muito contente. Se não concordarem, eu não vou levá-los a sério, porque eu estarei fazendo algo que me deixa feliz e que me deixará orgulhosa de mim mesmo. Eu não vou fazer o que a minha família ou a sociedade me mandam fazer. Vou fazer algo que me deixa feliz e não que me deixa infeliz. Não quero seguir uma profissão que me deixe com a cara fechada, com desânimo e com raiva, porque é algo que eu não queria fazer, algo que me deixa totalmente chateada. Prefiro seguir a profissão que o meu coração escolher. Para mim, a única que vai sentir orgulho quando eu conquistar os meus sonhos é a minha mãe Ketlem.

Você que está lendo este meu texto não deveria deixar de fazer algo de que gosta só porque parentes, amigos e vizinhos falam que você não serve para esse tipo de coisa ou porque é feio seguir essa profissão. Faça o que você sente vontade e não o que as pessoas falam. Se você quer ser médico e os outros falam que você não combina com a pediatria, não leve em consideração a opinião alheia. O que os outros acham não importa. Siga o que deixa você feliz!

SOBRE O AUTOR

Sarah Sthefanye tem 15 anos e é estudante do 9º ano da Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia. Ela gosta de frequentar a escola, estar na companhia de seus amigos, se maquiar e andar bem arrumada.



SOBRE O AUTOR

Samuel Arthur Pereira Lobato tem 15 anos. É o filho mais velho e se considera um tanto quanto anti social. Ele não gosta muito de sair, prefere ler *manhwas*. Admira pinturas e tem predileção por desenho, animes, jogos e máquinas, tais como robôs e IAs. Ele diz ter uma mente aberta e ser uma pessoa criativa.

SAMUEL LOBATO

O meu maior sonho

Eu quero seguir a minha vida para que, em meio ao processo, eu possa realizar meus desejos: criar meus próprios jogos, escrever livros etc. Porém, o meu maior sonho é de ter minha própria empresa e fábricas para o desenvolvimento de tecnologias e máquinas. Isso me trará felicidade. Algo interessante do processo de realizar meu sonho é que eu estarei realizando meus desejos. Vou conseguir ajudar algumas ou muitas pessoas no processo, seja realizando meus desejos de criar jogos, escrever um livro ou tendo a minha empresa e seus produtos (ligados à tecnologia). Vou me sentir validado, já que ao longo disso terei realizado meus desejos e sonhos, além de ter ajudado pessoas no processo e de ter sido reconhecido pelos meus feitos.

THIFANY CONCEIÇÃO

Algumas vocações

Debate-se excessivamente nos tempos atuais sobre vocações. A profissão que desejo seguir é astronomia, entretanto, minha mãe costuma dizer que isso é mais um *hobby* do que uma profissão de verdade, que não irei ter um custo-benefício bom, todavia pensei em ser escritora, porém também é mais um *hobby*. Estou estudando melhor as profissões que possam me interessar, porém não estou me interessando por nenhuma. Minha mãe queria muito que me tornasse uma policial ou uma militar, todavia não me vejo como tal. As profissões que realmente me interessam estão relacionadas à astronomia e à escrita. Sinto que, se me esforçasse bastante, conseguiria ser bem sucedida em uma delas, ou até mesmo nas duas.



Se eu seguir astronomia e focar bastante em pesquisas, posso acabar descobrindo um outro buraco negro ou uma nova galáxia mais perto da nossa, ou até mesmo se existe outro tipo de vida fora do planeta Terra. Porém, se eu escolher ser escritora e focar bastante em redações, escrita e entretenimento, posso acabar sendo uma grande escritora. Assim, eu poderia ser bem famosa e ter muito reconhecimento. Eu poderia até ser uma escritora sobre conhecimentos astronômicos para inspirar outras pessoas que também sonham em ser astrônomas no futuro.

SOBRE A AUTORA

Thifany Nycolly Botelho Conceição tem 14 anos e costumo ler nos tempos livres. Gosta muito de escrever e pintar. Geralmente lê livros de terror e darkromance. No futuro pretende ser escritora ou astrônoma. Tem muita criatividade para escrever e habilidade em matemática. Tem predileção por saber mais sobre o espaço e seus segredos sempre que possível. Ela pretende dar uma vida boa para a mãe e levar ela para conhecer a neve pela primeira vez. Tem como objetivo proporcionar uma boa educação para as irmãs pagando uma ótima faculdade para ambas.



VICTOR SANTOS

O encanto da arte

É u sempre tive apego por tudo que envolve arte: desenhos, pintura, música, dança, atuação. A arte é a maior e melhor forma de expressar sentimentos e passar mensagens para as pessoas. Eu sempre gostei de arte, pois ela sempre foi uma forma de esquecer os problemas, expressar todas as coisas que não podem ser ditas e dar um vislumbre deste universo ao mundo.

Na minha opinião, a arte tem o poder de conectar as pessoas por meio de histórias, sendo possivelmente o melhor método despertar diversas sensações e lembranças. A arte tem o poder de tocar a alma e deixar uma marca. Entretanto, não são todos que apreciam a arte na sua verdadeira essência, desprezando o carinho e o esforço colocados em obras de pessoas apaixonadas pelo que fazem.

Durante muito tempo, disseram-me que a arte não era emprego, não dava dinheiro nem era “coisa de homem”, porém a arte foi gerada para se comunicar com todos os que têm sonhos e tocar as pessoas de alguma forma.

Grande parte da cultura de diversos países são conhecidas por sua expressividade, como pinturas, esculturas, danças, músicas, livros ou tradições orais transmitidas de geração a geração.

Por fim, se um sonho pode ser sonhado, nada o impede de vivê-lo intensamente. Quando você canta, dança, desenha, toca um instrumento, atua em um drama, você também conta a sua história.

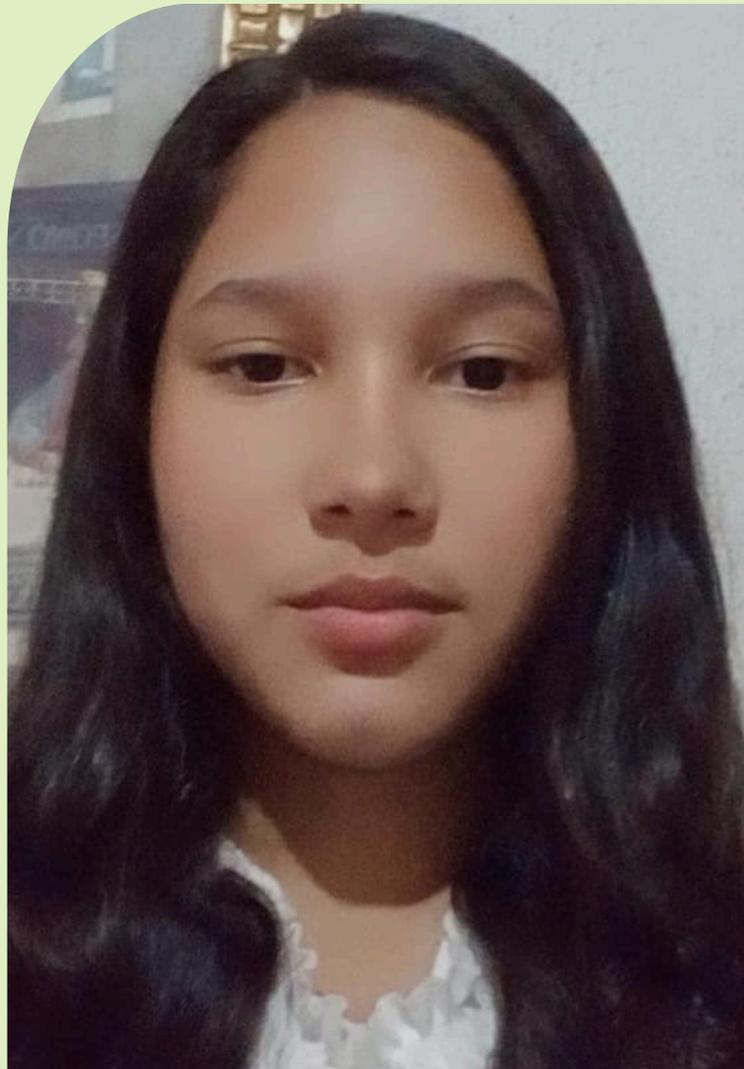
SOBRE O AUTOR

Victor Santos é aquele tipo de garoto que vê a arte em tudo. Ele ama desenhar, cantar, tocar piano e compor canções, atuar em dramas no teatro, escrever histórias inspiradoras, e até dançar sozinho como se não houvesse alguém olhando. Aos olhos comuns ele pode ser considerado só um garoto de 14 anos brasileiro, mas no aspecto do sentimento é uma pessoa que prefere ver o lado bom e artístico em tudo. Gosta de focar no agora. Victor entende que com o passado podemos aprender e que o futuro nós construímos.

YASMIN VITÓRIA

Pets e vocação

Descobrir a minha vocação não foi tão difícil para mim, porque desde de criança eu já tinha uma certa paixão pelo que eu queria fazer quando crescer. Acho que todo mundo já viu, teve ou acariciou um animal, seja cão, gato e até mesmo pássaro. Descobri minha vocação por causa deles, de tanto ficar com animais (só os que eu já tive). Como fui criando uma paixão por eles, decidi que, quando crescesse, eu ia ser veterinária. É claro que eu sei que, para ser veterinária, não é só dar carinhos em bichinhos e sim ajudá-los, e é isso que eu quero fazer. Não sou muito experiente em resgatar e cuidar de animais, mas acho que já tive uma experiência. Quando eu e minha família resolvemos adotar um gato de rua para morar conosco, começamos a alimentá-lo e a cuidar dele. Então, foi assim que eu descobri minha vocação. Sei que, sendo veterinária, vou ajudar muitos animais, além de ser a realização de um sonho para mim. Sei que, enquanto eu estiver ajudando os outros, sempre vou estar feliz.



SOBRE A AUTORA

Yasmim Vitória Chaves do Carmo é aluna da Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia. Ela tem 15 anos e gosta de ler livros, praticar esportes, desenhar e ouvir música.



GLENDA DUARTE

*Os pés no chão, a
cabeça nos sonhos*



A palavra vocação no dicionário significa: “disposição natural e espontânea que orienta uma pessoa no sentido de uma atividade, uma função ou profissão; pendor, propensão, tendência”. No entanto, a maioria dos escritos sobre vocação desta edição da revista Amazônia Jovem conferem uma aura não tão pragmática a esse termo. Para os autores, a vocação está relacionada ao sonho, ao fazer o que se gosta, seguir a profissão que os podem fazer felizes no futuro. Porém, a consciência de que a vocação, o chamado para a escolha de uma carreira, deve estar diretamente relacionada com a possibilidade de se sustentar, por vezes, fala mais alto do que seguir o desejo do próprio coração. Nesse sentido, percebemos que quando as barreiras sociais se impõem, é preciso sonhar dentro de uma realidade, dos cercados que as limitações, sobretudo, as financeiras demarcam. Menciono isso, porque as tendências artísticas

foram um ponto em comum entre os textos, ao mesmo tempo que esses jovens gostariam de se dedicar a viver das artes ou seguir como vocação aquilo que alimenta suas almas, eles precisam ter os pés no chão e pensar primeiramente em alcançar a tão desejada estabilidade financeira, outro aspecto em comum entres os relatos. Assim, seguir uma vocação vai muito além de responder a pergunta que mais ouvimos durante a infância: “o que você quer ser quando crescer?” Tem pessoas que desde criança já sabem o que querem ser no futuro, outras vão descobrindo suas aptidões ao longo do percurso. Nada é estanque nesse processo, existem várias possibilidades, várias formas de encontrar a sua verdadeira vocação.

SOBRE A AUTORA

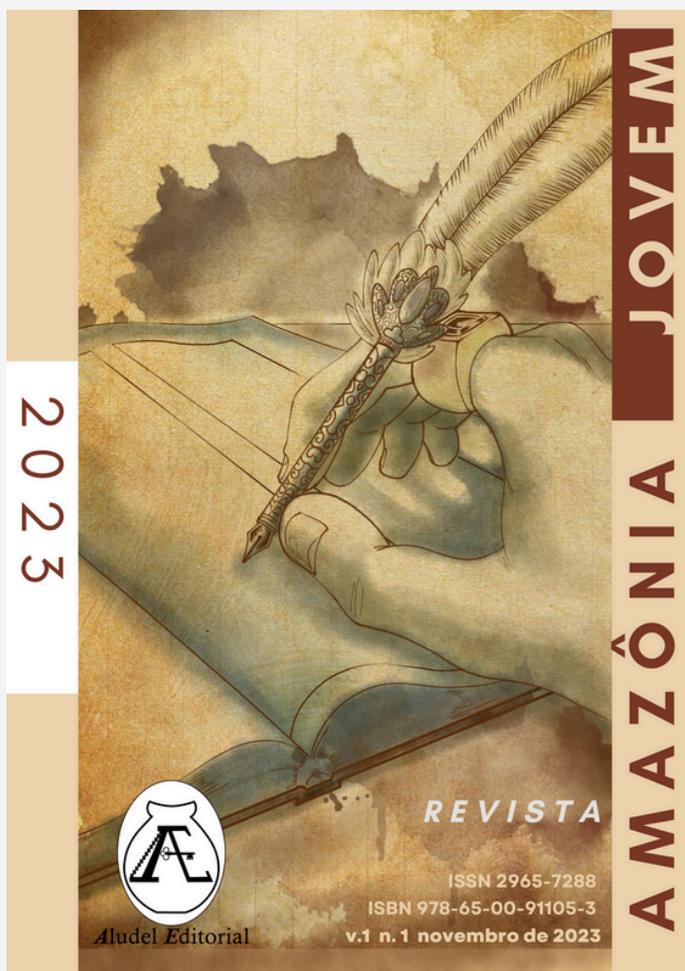
Glenda Duarte é graduada em Letras e Jornalismo pela Universidade Federal do Pará. É mestra em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/ UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa INOVACOM da UFPA e atua como membro do Conselho Editorial, Supervisora geral de projetos e ASCOM da Aludel Editora.

Aludel Editora

EDIÇÕES ANTERIORES



Aludel Editora

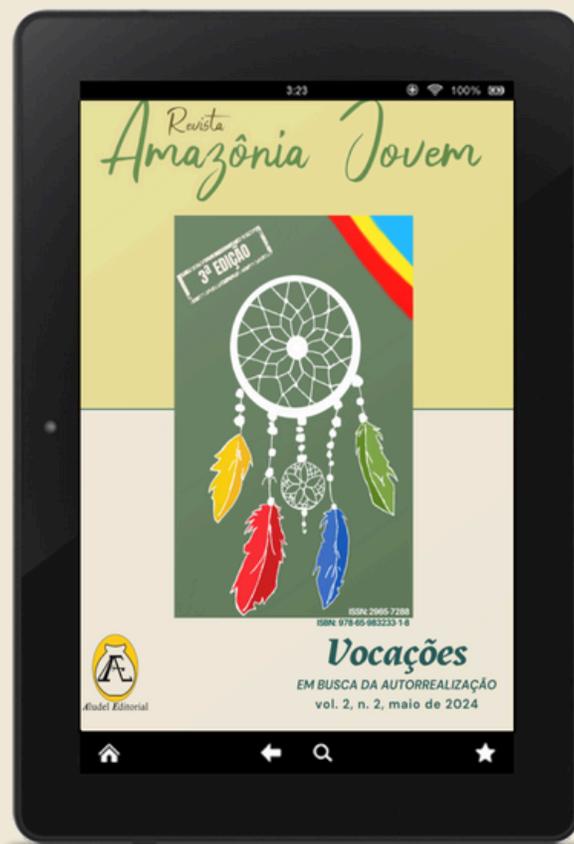


1ª edição

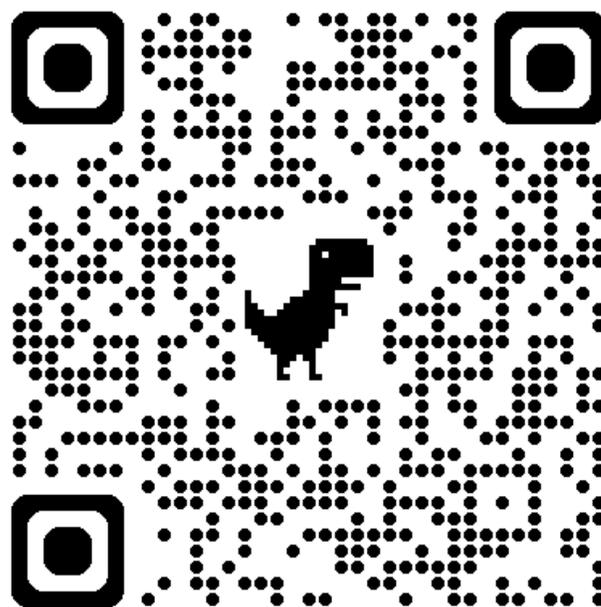


2ª edição

REVISTA *AMAZÔNIA JOVEM*



Acesse o site da Revista
Amazônia Jovem pelo
QR Code ao lado



AMAZÔNIA JOVEM

“O que me faz feliz não é aquilo que eu sei, mas aquilo que eu sou...” (Huberto Rohden)



ISBN: 978-65-983233-1-8

CDL



9 786598 323318



Aludel Editora